

BROWN MILLER - "OUR GLANDS AND TALENTS"

Everything I say about Hiroshima belongs to some other meaning, should blister from some other awareness.

People ask me
(as if they feel) why write about that?
It happened thirty summers ago - why think about it now?

I can't tell them Hiroshima has penetrated everything, is flowing through us, flies in the sky of our lungs: I see it, the finest dust in our clothes, in our hair underwear armpits nostrils, in our car engines and pocket calculators and the loges of our theatres, coating the screens of our televisions, permeating our softest facial and toilet tissues, our bones and connective tissues, our stand up comedians, advertisements, political slogans, our prayers and economy - invisible - invisible - but I can't stop seeing it unless I escape by forgetting, by masturbating.

BROWN MILLER - "NOSSAS GLÂNDULAS E TALENTOS"

Tudo que eu digo sobre Hiroshima pertence a algum outro significado, deveria empolar-se de alguma outra sabedoria.

As pessoas me perguntam (como se elas sentissem) por que escrever sobre isto?

Isto aconteceu há 30 verões atrás - por que pensar a respeito disso agora?

Não lhes posso dizer que Hiroshima tenha penetrado em tudo, que está fluindo através de nós, voando no céu de nossos pulmões eu a vejo, o mais fino pó em nossas roupas, em nosso cabelo roupas de baixo axilas narinas, nos motores de nossos carros e calculadoras de bolso e as frisas de nossos teatros, cobrindo as telas de nossas televisões, permeando a nossa mais macia face e tecidos de "toilet", nossos ossos e tecidos conjuntivos, nossos eretos comediantes, anúncios, "slogans" políticos, nossas orações e economia - invisível - invisível - mas eu não posso deixar de vê-la a não ser que eu fuja pelo esquecimento, pela masturbação.

When these methods fail I use poems
for fallout shelters where I knit
parallels: for example, the H
looks like heroin. So does its
effect - addictive - pervasive.
It greets our glands and talents
with disguised damage and a hot gnaw.

None of this is worthy of itself.
It and I belong a long way off,
in Tibet maybe. In a dim cave.
Or in the belly of a universe
where nothing counts. Or in
a zoo below zero
where feeding is unknown.

(from HIROSHIMA FLOWS THROUGH US
Cherry Valley Editions, 1977)

CHARLES PLYMELL - "CHERRY VALLEY 1974"
When the day came back to me
I loved it
Elizabeth
Hot star over the river
The
Over the
The window
And the light
The
Into the sunset the hand
A game for winter nights
When
Flow gear worn their own
Walking John came
Ed
And over
lay super-highways
A ton of gravity
Where workers learned
Engineers saw nerves
Some future civilization
And I sleep like
With the bowing
Quando esses métodos falham eu uso poemas
por abrigos anti-aéreos onde eu tricoto
paralelos: por exemplo, o H
se parece com heroína. O seu efeito também
- aditivo - penetrante.
Saúda nossas glândulas e talentos
com danos disfarçados e uma quente roedura.
Nada disso é digno de si mesmo
Ele e eu pertencemos a um caminho distante,
no Tibete talvez. Numa caverna escura.
Ou na barriga de um universo
onde nada importa. Ou num
zoológico abaixo de zero
onde alimentar é desconhecido.

(translation by Eliseu Diogenes)